

**TEXTOS LITERÁRIOS E A FORMAÇÃO DO
PROFESSOR: NOVAS POSSIBILIDADES DE
LEITURA**

**LITERARY TEXTS AND TEACHER'S
FORMATION: NEW POSSIBILITIES
OF READING**

Eda Maria de Oliveira HENRIQUES*

Resumo: No presente trabalho pretende-se abordar a importância do uso do texto literário em uma turma de Licenciatura da Universidade Federal Fluminense, como veículo de (re)leitura de sentidos sobre práticas instituídas de formação do professor e processos envolvidos nas relações do ensinar e do aprender. Para isso, será realizada uma análise do relato de alunos oriundos de diversos cursos, a partir da leitura e discussão do conto “O Retrato Oval”, de Edgar Allan Poe. A possibilidade de estabelecer relações entre a temática do conto e as experiências do contexto escolar viabiliza um canal de expressão capaz de afetar o leitor emocional e cognitivamente, oferecendo novas oportunidades de análise de tais experiências. O potencial simbólico de contos e crônicas da literatura universal será compreendido na perspectiva de Walter Benjamin sobre a narrativa, e a leitura será considerada como uma experiência subjetiva e estética chamada pelo jovem Vygotsky de crítica de leitor.

Palavras-Chave: Leitura. Sentido. Formação.

Abstract: The study focuses on the importance of literary texts among students seeking teaching degrees at the Federal Fluminense University. Furthermore, it considers how these texts could be used as vehicles for re-interpreting the practices common in teacher educa-

* Doutora em Educação pela UFF. E-mail: edahenriques@gmail.com.

tion and in the processes of teaching–learning. The study considered students’ reports from several courses using Edgar Allan Poe’s tale “The Oval Portrait”. It analyzed the possibility of establishing relationships between the theme of the story and the experiences in school contexts as an approach capable of affecting the readers emotionally and cognitively, offering new opportunities of analysis of their experiences. The symbolic potential of stories and chronicles of universal literature will be understood from Walter Benjamin’s perspective about the narrative and the reading will be understood as a subjective and aesthetic experience named by the young Vygotsky as critical reading.

Keywords: Reading. Meaning. Education.

INTRODUÇÃO

Apesar do consenso generalizado de que as universidades precisam repensar seu atual modelo de formação de professores buscando uma nova cultura institucional para as Licenciaturas, surge também a evidência da não superação do criticado modelo de racionalidade técnica. Objetivando refletir sobre a complexidade do processo de conhecimento e de significação na formação de professores e sobre um novo projeto para as Licenciaturas a partir de uma proposta de reorientação curricular em curso na Universidade Federal Fluminense, esta pesquisa procura contribuir para uma discussão sobre um processo mais integrado entre Cursos Básicos (disciplinas de conteúdo específico) e Formação Pedagógica (disciplinas de conteúdo pedagógico).

Entendendo-se que os Cursos Básicos também possuem um potencial formador no que diz respeito à dimensão pedagógica, torna-se importante que as disciplinas pedagógicas da Licenciatura integrem em suas práticas as concepções relativas ao processo do ensinar e aprender já construídas pelos alunos em outros espaços de sua formação inicial. Para isso, vem sendo realizada desde 2004 uma pesquisa intitulada “A Licenciatura como espaço instituído/instituente de formação de professores”, com o propósito de identificar e analisar as concepções de alunos das Licenciaturas sobre os eixos: processo de conhecimento, processo de ensino-aprendizagem e relação professor-aluno.

Turmas de Licenciatura da Universidade Federal Fluminense constituem o *locus* de realização dessa pesquisa, utilizando-se para isso o espaço da disciplina Psicologia da Educação, que tem como conteúdo programático contribuições de algumas importantes correntes da Psicologia para as questões do ensinar e do aprender, ou seja, uma discussão eminentemente teórica sobre processos de conhecimento em um contexto de aprendizagem formal. O fato de essas turmas apresentarem a interessante característica de uma composição diversificada, isto é, alunos dos mais diversos cursos, como Ciências Sociais, Física, Geografia, História, Letras, Matemática e Química, traz para o centro da discussão uma variedade de concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem. Traz, também, modelos de ensino constituídos através da mediação das mais diversas práticas formadoras, que geralmente não são consideradas na formação do futuro professor e das quais muitas vezes o próprio aluno não possui uma análise consciente, no sentido utilizado por Vygotsky (1989, p. 78) para o termo consciência: “percepção da atividade da mente - a consciência de estar consciente”. Nessa perspectiva, um dos desafios que se colocou ao longo deste trabalho é que esta pesquisa, ao mesmo tempo, pudesse não só desvelar a multiplicidade de significações presentes na experiência do ensinar e do aprender, como também inseri-las no centro das discussões conceituais das disciplinas pedagógicas, numa tentativa de dar corpo e vitalidade à discussão conceitual, procurando encarná-la através da riqueza das experiências iniciais de formação, evitando o tão comum cumprimento burocrático dos programas.

Assim, ao procurar conhecer as concepções dos alunos das licenciaturas sobre a experiência do ensinar e do aprender, esta pesquisa traz implícita uma proposta para as disciplinas pedagógicas da Licenciatura que possibilita uma outra qualidade de articulação entre conteúdos teóricos e uma (re)leitura de sentidos sobre a diversidade de experiências que estão presentes nos processos de formação.

O CAMINHO DOS CONTOS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Para viabilizar a necessária identificação e análise das concepções dos alunos da Licenciatura sobre a experiência do ensinar e do aprender no âmbito da formação inicial do professor, pensou-se em uma metodologia apoiada na discussão de Vygotsky (2005) sobre a

complexidade da relação entre pensamento e palavra, cujo propósito é chamar a atenção para o desafio e a angústia da limitação das palavras em expressar toda a extensão e todos os sentidos contidos em um único pensamento.

Dessa forma, além de levar em conta esse desafio, tal proposta preocupou-se também com a questão das respostas prontas e estereotipadas, tão comuns nas entrevistas tradicionais. Sendo assim, concebeu-se uma metodologia que utiliza o potencial discursivo e narrativo de contos e de crônicas da literatura brasileira e universal, na qual a crônica é compreendida na perspectiva da narrativa a partir de Benjamin (1985), e a leitura é considerada como uma experiência subjetiva que se alimenta de impressão artística imediata, denominada por Vygotsky (1999) de “crítica de leitor”.

Nessa perspectiva, solicitou-se aos alunos que escrevessem suas impressões e estabelecessem relações entre o que liam em contos e crônicas como Conto de Escola, de Machado de Assis; Castigo, de Sérgio Porto; Pensar, de Rubem Alves, e suas experiências sobre o ensinar e o aprender. O material produzido foi trabalhado a partir dos já citados eixos temáticos estabelecidos previamente □ processo de conhecimento, processo de ensino-aprendizagem, relação professor-aluno □ que se constituíram em categorias de análise. Para esse trabalho específico foram selecionados os relatos de alunos da Licenciatura após a leitura do conto “O Retrato Oval”, de Edgar Allan Poe. Apesar de não remeter a situações explícitas de escola e de aprendizagem formal, como os outros contos trabalhados, esse conto traz, a partir de sua densidade dramática, um rico potencial simbólico a ser explorado.

O CAMINHO DOS CONTOS: UMA INSPIRAÇÃO EM BENJAMIN E EM VYGOTSKY

Benjamin, em seu texto “O Narrador”, ao destacar a experiência como fonte da narrativa, resgata sua importância e sua ligação com uma tradição viva e coletiva, na qual a arte do narrador é a arte de contar preservando aos acontecimentos sua força secreta, sem encerrá-los em uma única versão. Esse conceito de experiência permite a escrita de uma anti-história, porque ao invés de encerrar o passado em uma interpretação definitiva, reafirma a abertura de seu sentido, de seu caráter inacabado. Assim como nos diz Benjamin (1985), o extraor-

dinário e o miraculoso são narrados com grande exatidão, sem que o contexto psicológico da ação seja imposto ao leitor, que é livre para interpretar a história como quiser. Nesse sentido, o cronista torna-se o narrador da história, que não se preocupa com a exatidão dos fatos, mas com a sua inserção no fluxo de outras histórias, tecendo uma rede de histórias que se articulam e se constituem entre si, preservando suas forças e seu potencial inesgotável de significação. Gagnebin (1985) encontra em “O Narrador” uma teoria antecipada da obra aberta, ou seja, a condição que toda narrativa traz de possibilitar a profusão ilimitada do sentido, abrindo caminho para a idéia de que todo cronista, todo autor de texto literário pode se transformar em um narrador, e que todo texto, oral ou escrito, pode se tornar uma narrativa. Nessa perspectiva, cada história abre caminho para uma nova história, como diz Gagnebin (1985), em uma dinâmica ilimitada da memória, em que cada texto suscita e chama novos textos. Assim, a história contida nos contos e crônicas viabiliza ao aluno da licenciatura um fio condutor de suas próprias histórias, ou mais ainda, como nos diz Benjamin (1985), de sua rememoração. Ou seja, o relato de lembranças não se configura como uma descrição de fatos objetivos, mas como lembranças significadas por quem as viveu.

É dentro desse espírito que, em um trabalho de conclusão de curso escrito em 1915, o jovem Vygotsky (1999) trata da relação do crítico com o autor e sua obra. Em “A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca”, ele faz uma crítica dessa obra de Shakespeare a partir do que denomina “crítica de leitor”. Defende a ideia de que a obra de arte, após sua criação, separa-se de seu autor e é recriada pelo leitor a partir da multiplicidade polissêmica de toda obra, adiantando em algumas décadas a crítica da recepção. Nessa perspectiva, a obra é apenas uma possibilidade que o autor realiza; ele pode, inclusive, desconhecer a profundidade daquilo que escreveu e levar o crítico a revelações que ele, como autor, nem sequer suspeitava. Isso faz com que a força da obra não esteja naquilo que o autor subentendeu por ela, mas na maneira como age sobre o leitor. Desse modo, a leitura não está presa a um modelo semântico fechado, mas se abre sempre e infinitamente para a diversidade e universos onde o leitor a enfoca. Universos que podem conter experiências de vida, experiências de leitura, experiências em torno do ensinar e do aprender.

Assim, segundo Vygotsky (1999), é o texto que se oferece com seu potencial simbólico na construção de outras narrativas, para a superação da “angústia da palavra”, do inexprimível de alguns

sentidos, do indizível do discurso interior. No mencionado trabalho que escreveu, o autor antecipa sua futura discussão sobre a relação pensamento-linguagem, em que destaca a questão da complexidade da passagem do pensamento à palavra, que não se trata de uma tradução direta da linguagem interior para a linguagem exterior, nem de uma simples incorporação do aspecto sonoro ao aspecto silencioso da fala. Ou seja, não é apenas a vocalização da linguagem interior, mas

[...] a reestruturação da linguagem, a transformação de uma sintaxe absolutamente original, da estrutura semântica e sonora da linguagem interior em outras formas estruturais inerentes à linguagem exterior. (VYGOTSKY, 2001, p. 474).

Dessa forma, a passagem da linguagem interior para a exterior consiste em uma transformação dinâmica, ou seja, na transformação de uma linguagem predicativa e idiomática em uma linguagem sintaticamente decomposta e acessível a todos. Assim, o pensamento é sempre algo integral, compacto, maior em sua extensão e volume do que uma palavra isolada. O que no pensamento existe em simultaneidade, na linguagem se desenvolve sucessivamente. Para Vygotsky (2001), a complexidade da decomposição do pensamento e sua recriação em palavras se devem ao fato de que o pensamento não coincide com as palavras e com os significados das palavras, o que faz com que a transição do pensamento à palavra passe pelo significado e em nosso pensamento sempre exista um subtexto oculto. Nesse sentido, há uma imperfeição da palavra na possibilidade de expressar o pensamento, pois o pensamento nunca é igual ao significado direto das palavras, o que leva o autor a afirmar que o caminho entre o pensamento e a palavra é um caminho indireto, internamente mediatizado pelo significado.

Tal constatação tem como consequência o fato de que a comunicação imediata entre as consciências é impossível psicologicamente, só podendo ser atingida via mediata pelo significado das palavras. Vygotsky (2001) acrescenta que para entendermos o discurso do outro não é necessário entendermos apenas algumas palavras, mas é preciso entender também seu pensamento e, principalmente, o motivo que o levou a emití-lo. Assim, a compreensão efetiva e plena do pensamento de outrem só se torna possível quando descobrimos o que o autor denomina de “causa profunda afetivo-volitiva”, que encerra o desejo

que está na origem de todo o pensamento. Dessa forma, a crítica de leitor oferece a possibilidade de superar o indizível, o inexprimível do discurso interior que Vygotsky (1999) metaforicamente remete a tirar sons de um instrumento rebelde enquanto ouve com o “ouvido da alma” uma melodia potente e triste.

Assim, o criar com a própria alma a obra alheia significa compromisso apenas com a sua interpretação, sem a preocupação a respeito de outros estudos sobre a obra. A possibilidade de transformar a experiência da leitura no que Vygotsky denominou de crítica estética, promovendo o crítico a crítico artista, crítico criador, traz não só novas possibilidades de significação através do potencial simbólico do texto, como também novas possibilidades de ressignificação dos sentidos em torno das experiências do ensinar e do aprender. Essas experiências são geralmente marcadas por práticas educativas escolarizadas que, por suas próprias características, muitas vezes não viabilizam uma maior comunicação entre professores e alunos e dos próprios alunos entre si, através da compreensão dos desejos e necessidades, interesses e emoções, que estão na base do significado das palavras. Tal abordagem viabiliza ao professor conhecer não só o conteúdo objetivo da experiência do aluno, mas também o sentido da mesma e os atos de pensamento que a apreendem. Nessa perspectiva, entendendo que o texto literário pode vir a tornar-se veículo de revelação e ressignificação de experiências e concepções que nem sempre encontram espaço de expressão na sala de aula, e na medida em que na crítica de leitor deixar falar a obra pelo leitor é também deixar o leitor se falar pela obra, serão apresentados e discutidos a seguir alguns trechos dos relatos de alunos de turmas de Licenciatura a partir da leitura do conto intitulado “O Retrato Oval”, de Edgar Allan Poe (1993).

Resumidamente, o conto relata a história de um homem que, por se encontrar ferido durante uma viagem, pede a seu criado que arrombe a porta de um castelo abandonado para que ele possa abrigar-se e ali passar a noite. No aposento escolhido, as paredes eram cobertas por inúmeros troféus de armas e também por inúmeras pinturas modernas emolduradas por ricos arabescos dourados. Uma pintura em especial chama a atenção do viajante por retratar uma jovem com tal perfeição que, como obra de arte, nada poderia se igualar à pintura em si. Impressionado com a mágica da pintura, que residia na absoluta verossimilhança da fisionomia retratada, o viajante passa a

examinar um livro que se encontrava à mesa de cabeceira e que trata das pinturas e de seu histórico. Ali, encontra registrada a história de uma moça de rara beleza que se apaixona e casa-se com um pintor e deixa-se retratar por ele em um processo longo e extenuante que vai consumindo sua saúde e o seu ânimo sem que isso seja percebido pelo pintor. Obcecado pelo resultado e perfeição de sua obra, ele recusa-se a notar que as cores que ia espalhando sobre a tela eram arrancadas das faces de sua modelo. Com o término da obra, o pintor se extasia com o resultado que retrata a própria vida; porém, ao finalmente olhar para a esposa, esta se encontra morta.

O QUE SE CONTA ATRAVÉS DO CONTO

A seguir serão relatados alguns trechos de depoimentos de um grupo de sessenta alunos de duas turmas de Licenciatura da Universidade Federal Fluminense, provenientes dos cursos de Ciências Sociais, Física, Geografia, História, Letras, Matemática e Química. Esses depoimentos foram feitos após a leitura do conto “O Retrato Oval” e a solicitação das impressões por ele suscitadas e suas possíveis relações em tono das experiências que circunscrevem o ensinar e o aprender na escola.

Os relatos serão analisados a partir do que os alunos nos contam, através do conto, sobre suas concepções em torno dos três eixos: processo de conhecimento, processo de ensino-aprendizagem e relação professor-aluno.

Aluno 1 - “Eu fico imaginando que os professores, às vezes, que acham que estão passando todo aquele conteúdo, quando os alunos, simbolicamente morrem através da reprovação ou da evasão escolar, [os alunos] às vezes não gostam daquela disciplina. O professor, às vezes, não tem a mínima noção daquele outro sujeito, daquele outro lado... Então isso é uma coisa muito séria que é colocada num texto”.

Aluno 2 - “Por isso eu acho que ela (a amada) é quem se deu mal. O problema foi dela, dele não, ele realizou o que ele quis. Acho que a questão do professor, nessa de passar o conhecimento, ele passa, mas sem tentar criar uma idéia maior para o aluno”.

Aluno 3 - “Ele vai fazer a leitura dela, mas ele vai anular aquela pessoa para poder fazer o que ele quer naquela tela. Ela, ou o aluno,

nessa idéia, é o branco, é o nulo, é o que não há e ele vai moldar e vai fazer o que ele quiser; e vai ficar tão perfeito que ele... Se o aluno for aprovado é como se ele tivesse feito a tela parecer viva, mas na verdade se você anula aquela pessoa... mesmo que ela tire dez e faça os quinhentos exercícios de matemática e passe, ela estará sendo anulada. Isto é uma espécie de morte”.

Aluno 4- “As pessoas entravam e saíam e ele não se abalava, era um professor excelente. Mas, é como se fosse esse pintor, porque ele continuava teorizando, teorizando e ninguém falava nada e eu me sentia assim: se eu estivesse indo, ou não, tanto faz. Era como se eu não fizesse parte do processo; se ele estivesse falando sozinho ou para cem pessoas, ele ia ter a mesma postura.”

Aluno 5- “Portanto, o valor da tela vai ser maior do que o valor da pessoa. Acaba anulando a individualidade do aluno uma vez que ele vai ser moldado pelo professor. É como se o professor aparasse as arestas dele”.

Nesse primeiro bloco de depoimentos, podemos identificar concepções de processo ensino-aprendizagem e de relação professor-aluno que se complementam e que estão relacionadas à ideia de que o professor passa alguma coisa que é dele para um aluno que ele não conhece e parece não se interessar em conhecer. Pode-se perceber que, mesmo alcançando sucesso no processo de ensino-aprendizagem (“*mesmo que ele tire dez...*”), esse resultado é compreendido como um processo de anulação e morte. Dessa forma, o resultado, o produto a ser alcançado é visto como mais importante “*que o valor da pessoa*”, tornando o processo de adquirir conhecimento e ser bem sucedido na aprendizagem relacionado a algo que tem que ser cortado, retirado do aluno, pois é preciso “*aparar as arestas dele*”. Assim, embora se encontre nesse conjunto de relatos uma concepção bastante tradicional do processo ensino-aprendizagem, que coloca o professor como aquele que “passa” o conteúdo, delineia-se uma visão crítica que consegue separar um produto de aprendizagem considerado bem sucedido pelos seus resultados aparentes, de suas consequências para o processo de conhecimento e de aprendizagem do aluno.

Aluno 5 - “Também acho que embora ele mate a esposa, ele não acha que está matando; como o professor não acha que está anulando,

ele simplesmente compreende de outra maneira. O pintor não percebe que está matando a mulher dele, ele não faz isso por mal. Ele entende de outra maneira. Não estou defendendo, estou tentando entender o lado do outro. Acho que ele compreende que não está matando, ele tem que construir aquela pessoa. Ele está ajudando, é numa tela em branco que ele tem que fazer aquela pessoa evoluir, melhorar, crescer, aprender”.

Aluno 6 - “Ele (o professor) é quem tem que ser o criativo, o aluno não, o aluno é simplesmente a obra que vai ser modificada pelo professor, que é o artista, o criativo”.

Aluno 8 - “A partir do momento em que o professor cria e ele consegue se aproximar do aluno, o aluno vai começar a criar por si só, que eu acho que esse deveria ser o objetivo do professor: criar fontes de pensamento. O objetivo final do professor deveria ser essa criação do aluno e não criação dele, mas que o aluno se sentisse satisfeito em você dizer: ‘você tirou dez, está ótimo, está perfeito’”.

Aluno 9 - “O que eu fico pensando é o seguinte: você tem a sua representação da realidade, mas você não se preocupa com a representação do outro, não é? Você fica na sua representação, mas você em nenhum momento está preocupado se o outro compartilha ou em que medida ele está compartilhando e quais são as conseqüências disso, não é?”

Aluno 10 - “É da natureza humana. É intrínseco à natureza humana”.

Nesse segundo bloco de depoimentos, a relação quadro, pintor e modelo relatada no conto parece servir de veículo para que os alunos possam expressar como compreendem o papel do aluno e do professor no processo de ensino-aprendizagem. Assim, para esse grupo de alunos, cabe inteiramente a esse professor artista, criativo, trabalhar a tela em branco que é o aluno, fazê-lo “*evoluir, melhorar, crescer, aprender...*”; enfim, cabe-lhe transformar o aluno em uma obra de arte, em um aluno nota dez. Nesse sentido, qualquer possível problema ao longo do processo deve ser compreendido como tentativa bem intencionada de “*construir aquela pessoa*”. É a própria

ideia de que existe uma grande dificuldade de compartilhar as diferentes formas de compreender a realidade é justificada como fazendo parte da natureza humana, como algo inerente às relações humanas presentes nos processos de conhecimento, ensino-aprendizagem e relação professor-aluno. É interessante como esse grupo de alunos utiliza o texto do conto para expressar também uma visão bastante tradicional que mescla concepções de conhecimento de tradição empirista e inatista, que alimenta visões fragmentadas e passivas da relação professor-aluno e das questões do ensinar e do aprender. Uma passividade do aluno que se revela ora em relação ao ambiente externo e às ações do professor, ora em relação a determinações internas e naturais. Embora os depoimentos do primeiro bloco pareçam apresentar uma reflexão mais crítica sobre esses processos, a ideia de uma relação polarizada em que o professor passa os conteúdos e os alunos os recebem, constituindo-se em vítimas passivas, é uma constante na maioria das falas. Não deixa de ser interessante o fato de que em nenhum momento foi cogitada pelos alunos das licenciaturas a possibilidade de a modelo se rebelar, ou de ela se recusar a participar do processo de criação do quadro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma primeira observação que se destaca após as leituras dos relatos dos alunos diz respeito à forma como o texto lido se inseriu no fluxo de outras histórias, permitindo um movimento que fluiu do conto para a experiência e da experiência para o conto. Isso mostra que, por meio dos textos que produz, o autor se torna narrador, permitindo □ como assinala Benjamin (1985) □ a formação de uma rede de histórias que se articulam e se constituem entre si.

Ao desvelarem a forte presença de modelos de tradição empirista e inatista no modo de os alunos das turmas de Licenciatura compreenderem experiências do ensinar e do aprender, a leitura e comentários do conto “O Retrato Oval” assinalam que as diversas práticas pedagógicas vivenciadas por esses alunos em seus Cursos Básicos (cursos de origem) também mediam tais experiências e constituem significações sobre elas, embora não tenham explicitamente essa intenção. Isso propicia um rico material de trabalho para as disciplinas pedagógicas da Licenciatura na discussão não só de aspectos conceituais, mas também das diversas práticas instituídas de

formação, as quais, intencionalmente ou não, explicitamente ou não, mediam significações sobre o processo educativo, sobre o que é ser aluno e ser professor, sobre concepções e leituras relativas ao ensinar e ao aprender. Diante disso, os alunos das turmas de Licenciatura são convidados a transformar suas experiências e suas perspectivas subjetivas em campo de reflexão e análise, pois apesar possuírem vários anos de escolaridade, de serem universitários e de se apresentarem bastante críticos em diversos aspectos da vida universitária, eles não se indagam como são os seus processos de aprendizagem, se estão aprendendo e como aprendem, ou não, os conteúdos.

Sob essa perspectiva, foi inegável a importância da mediação da Literatura neste trabalho, oferecendo o texto e o seu potencial simbólico para que os alunos evidenciassem os sentidos atribuídos a algumas experiências relacionadas ao ensinar e ao aprender. Isso pode possibilitar fluidez nas discussões realizadas em sala de aula, reflexão e análise das práticas docentes experienciadas pelos discentes, pois embora muitas das concepções reveladas pela pesquisa não sejam desconhecidas dos professores que atuam nas licenciaturas, a grande questão é que muitas vezes apenas as contribuições das várias correntes teóricas que pensam a educação não são suficientes para uma real mudança na compreensão do processo educativo. Assim, inserir os resultados desta pesquisa no centro das discussões conceituais das disciplinas pedagógicas pode constituir um espaço onde os eixos temáticos aqui abordados sejam pensados e discutidos tanto em sua dimensão teórica quanto em sua dimensão subjetivo/significativa, abrindo caminho para o exercício do processo analítico sobre questões do universo educacional e pedagógico.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas I**. Magia e Técnica, Arte e Política (p.197-221). Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Braziliense, 1985.
- POE, E. A. O retrato oval. In: **Para gostar de ler**. vol. 11, Contos Universais. São Paulo: Ática, 1993.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- VYGOTSKY, L. S. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. São Paulo:

Eda Maria de Oliveira Henriques

Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WERTSCH, J. V. **Voces de la mente**: un enfoque sociocultural para el estudio de la acción mediada. Madrid: Visor, 1993.

Enviado em: 05/09

Aceito em: 09/09